

1.

Introdução

A escolha de um tema de pesquisa não é feita de modo aleatório. É, na maioria dos casos, associada a experiências pessoais e profissionais, a lacunas que se constroem ao longo de trajetórias diversas, a motivações singulares e inquietações recorrentes. A presente escolha é resultado de minha experiência docente como professora de história no ensino médio de uma escola pública no Rio de Janeiro, onde pude constatar situações recorrentes de comportamentos agressivos, preconceituosos, humilhantes e violentos entre os estudantes.

Alegando experiências rotineiras envolvendo atos de violência, um grupo de jovens me procurou para realizarmos uma campanha *antibullying*. A princípio, o objetivo era discutir o que eles denominaram como o “direito de ser diferente” e não sofrer humilhações e insultos daqueles que, segundo eles, padronizam um comportamento que deve ser seguido e depreciam os indivíduos que não se submetem a essa padronização. Realizar essa campanha foi um desafio. Montamos três grupos e dividimos as tarefas entre subcomissões; recortamos reportagens de jornais e revistas; construímos cartazes sobre o comportamento agressivo na escola; assistimos filmes e documentários que retratam as consequências desses tipos de comportamentos; criamos um blog para os estudantes se expressarem e um jornal de circulação interna cujo tema era: *Não se cale, denuncie o bullying*.

As cartas de denúncias que recebemos e os textos escritos no blog nos mostraram uma realidade que era até então desconhecida, tanto para mim quanto para os demais professores. Acreditamos que talvez a preocupação com o conteúdo para as provas e simulados, bem como preparar os estudantes para o vestibular com a missão de dar continuidade ao tradicional ensino de excelência do colégio tenha dificultado a compreensão da equipe escolar para a gravidade dos atos de violência física e simbólica que se configuravam nas salas de aula, nos corredores, no pátio e nas redes sociais utilizadas pelos jovens. Assim, o pedido

de ajuda dos estudantes e a vivência com as situações de agressão despertaram o interesse em pesquisar a violência escolar.

A escolha por essa temática também tem sido conduzida pelo expressivo aumento da violência *entre os muros da escola*, fato que vem construindo novos dilemas e desafios para o campo da educação. Soma-se a isso a recente notoriedade do termo bullying, um conceito relativamente novo no campo da violência escolar, visto como um tipo específico de violência que vem despertando atenção da mídia, sendo apontado como um comportamento que exige atenção emergencial. Por esses motivos, acreditamos que investigar, compreender e buscar contribuições que previnam a proliferação de práticas de violência no ambiente escolar tornou-se fundamental para a pesquisa educacional hoje.

Entretanto, apesar da violência que constitui as práticas de bullying e da notoriedade que o tema vem conquistando na mídia e no ambiente acadêmico, em geral, muitas pessoas ainda consideram o bullying uma simples brincadeira de criança. Essa visão dificulta a compreensão desse tipo de violência escolar. Por isso, partimos do pressuposto que o bullying causa prejuízos para todos os envolvidos, autores, vítimas, testemunhas, pais, escola e a sociedade como um todo.

1.1

Casos exemplares

Para melhor compreender a gravidade desses prejuízos selecionamos alguns casos que aconteceram no Brasil nos últimos seis anos. Em novembro de 2009, em Guarulhos (SP), uma menina de 14 anos desmaiou na porta da escola após uma briga. A menina levou socos e chutes até perder a consciência. Ela contou que a agressora sempre a ameaçava pelos corredores da escola e isso já durava mais de um mês. O pai da agressora foi chamado pela direção da escola e definiu o fato como “*uma simples brincadeira de criança*”, que acontece todos os dias em todas as escolas. As cenas de agressão foram gravadas por uma câmera de celular de um dos estudantes. As imagens mostram alguns alunos tentando separar

e socorrer a vítima, enquanto outros ficaram distantes rindo e estimulando a briga¹.

Em 2013 uma estudante de 12 anos foi agredida na rua em frente à Escola Estadual João Guidotti, no bairro Morumbi, em Piracicaba (SP). De acordo com a adolescente, a agressão ocorreu na saída da aula, quando cinco meninas a cercaram e começaram a lhe bater. A estudante confessou ainda que há um mês vinha sofrendo bullying na escola. *"Elas me chamam de gorda e dizem que tenho um monte de estrias"*. Após a agressão, a mãe da jovem a levou para a delegacia, onde foi registrado um boletim de ocorrência. O pai da estudante, Nilson Tancredo, acredita que a agressão tenha sido premeditada, já que enquanto algumas meninas batiam outras filmavam o ocorrido. *"Fiquei horrorizado. Minha filha chegou em casa toda ensanguentada e um bando de garotas perseguindo ela. Só pararam de bater porque ela fugiu e, como moramos a poucos metros da escola, eu sai na rua para ajudar."* O pai afirma que a filha conseguiu fugir porque um motorista apartou a briga para conseguir passar com seu veículo. Tancredo disse ainda que a filha sofre bullying há um mês. *"Houve uma conversa na escola sobre o caso, mas não adiantou. Minha filha foi agredida, sem contar que ela não quer mais fazer as refeições porque está traumatizada"*.²

Em 2014, uma estudante de 15 anos foi espancada dentro da sala de aula, na Escola Estadual Castelo Branco, em Limeira. Segundo o pai da vítima, o motivo da agressão é a beleza da filha. A adolescente sofreu ferimentos no rosto e no pescoço. Além de tapas e socos, uma tesoura chegou a ser utilizada pelas agressoras. *"Minha filha chama muito a atenção. [...] Eu já fui chamado outras vezes, quando minha filha foi xingada. Era uma tragédia anunciada. Na semana passada eu mesmo fui chamado na escola e disseram que as alunas ameaçaram de cortar o cabelo dela"*. A briga foi registrada por outros alunos com câmeras de celular. O pai informou ainda que a polícia tem vídeos de toda a ação e que ele irá processar o Estado pelo que aconteceu. *"A escola tem toda a responsabilidade pelo que fizeram com a minha filha. Minha filha não é santa, mas a escola não*

¹ Jornal da Globo de São Paulo – SPTV, G1 Portal de Notícias da Globo, 2009. Acessado em 20 de junho de 2014.

² Jornal da Globo de São Paulo – SPTV, G1 Portal de Notícias da Globo, 2013. Acessado em 22 de junho de 2014.

pode permitir que um aluno seja espancado e agredido com uma tesoura dentro da sala de aula".³

No Rio de Janeiro, o Tribunal de Justiça condenou o Colégio Nossa Senhora da Piedade a indenizar em R\$ 35 mil a família de uma aluna que sofreu agressões físicas e psicológicas na escola. Os desembargadores da 13ª Câmara Cível negaram por unanimidade o recurso da instituição, dirigida por freiras. A menina, hoje com 15 anos, recebeu R\$ 15 mil e seus pais, R\$ 20 mil. A estudante tinha 7 anos quando ela e outros colegas começaram a sofrer bullying, promovido por dois meninos da turma. Em um dos episódios, um lápis foi espetado em sua cabeça. Em outro, a menina foi amarrada. *“Quando fui me queixar disseram que ele estava brincando de Power Rangers”*. A estudante também foi agredida com socos, chutes, gritos no ouvido, palavrões e xingamentos. A mãe da estudante contou que durante todo o ano de 2003 tentou resolver o problema com a direção da escola. *“Em uma tarde, tive uma longa reunião para discutir o assunto e quando saí da sala da diretora soube que minha filha havia sido atendida na enfermaria. Estava toda arranhada”*. Na época, a mãe procurou a Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), que se ofereceu para fazer palestras na escola sobre o bullying. *“O colégio não aceitou. O problema não é ocorrer bullying, mas como a escola lida com a questão. No caso, diziam para a minha filha fingir que o agressor não existia.”* A estudante passou a ter medo de ir à escola, sofria de terror noturno, voltou a urinar na cama e desenvolveu fobias. Teve de ser acompanhada por neuropediatra e psicólogo. *“É muito difícil brigar contra uma escola religiosa. Muitas vezes fui taxada de ‘mãe encenqueira’. Mas nada paga o sofrimento que minha filha e minha família enfrentamos. Espero que esse caso sirva de exemplo para outros pais, que fiquem atentos, e para que outras escolas não se omitam.”⁴*

O caso de maior gravidade envolvendo bullying no Brasil aconteceu em 2011. Um ex-aluno entrou na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro e atirou contra os alunos. No total, 13 pessoas morreram, entre elas o próprio atirador, e pelo menos, mais 12 ficaram

³ Jornal da Globo de São Paulo – SPTV, G1 Portal de Notícias da Globo, 2014. Acessado em 22 de junho de 2014.

⁴ G1. Portal de Notícias da Globo, 2011. Acessado em 23 de junho de 2014.

feridas. De acordo com a direção da escola, Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, estudou durante seis anos na escola e conseguiu entrar na instituição argumentado que iria dar uma palestra para os alunos. Wellington estava bem vestido e aparentava seriedade. Na época que o crime ocorreu o que chamou atenção foi a referência que Wellington fez às práticas de bullying. Em quase todos os vídeos produzidos por ele e divulgados após o massacre, o ex-aluno menciona que sofreu bullying durante sua vida escolar. Nas mensagens, Wellington descreve uma experiência vivida por ele em um ponto de ônibus, quando dois “caras grandes” começaram a fazer provocações para colocá-lo “para baixo”, como “um meio de diversão”. “E, no final, esse tipo de pessoa ainda diz: “nada como rir da cara de um idiota”. Ele deixou registrado que se as instituições de ensino tivessem “*descruzado os braços e feito algo sério no combate a esse tipo de práticas*” o ataque não teria acontecido. Mas, como nada foi feito nesse sentido, ele sentencia que “*estarão forçando os demais irmãos a matarem e morrerem*”. Não é possível comprovar que Wellington tenha realmente sofrido bullying. Segundo familiares e colegas de escola/trabalho, Wellington era calado, vivia isolado, vestia roupas pretas em todas as ocasiões, tinha poucos amigos e não mostrava preferências por nada. A personalidade dele foi analisada por psicólogos que diagnosticaram um jovem perturbado, que passou por diversos problemas na infância e na adolescência. Não podemos afirmar que o bullying levou Wellington a cometer esse massacre, pois há muitas outras variáveis envolvidas nesse caso. Mas na carta deixada explicando como deveria ser seu enterro e os seus desejos há um trecho que diz: “*Ninguém que no passado não tenha se dado bem comigo deve me beijar, visitar ou se despedir de mim.*” Esse trecho nos dá indícios de que Wellington carregou algum tipo de mágoa, ódio, rancor muito semelhante aos sentimentos que acompanham estudantes que foram vítimas de bullying.

O que esses cinco casos têm em comum?

- 1- Foram tratados como brincadeiras cotidianas de crianças. Essa visão foi compartilhada tanto pela direção da escola quanto pelos pais dos agressores.
- 2- A escola não conseguiu lidar claramente com a situação.
- 3- Enfatizam algum tipo de intolerância à diferença (peso, beleza, timidez, aparência esquisita).

- 4- Resultaram em violências físicas e agressões verbais.
- 5- O sofrimento é relatado como algo imensurável, sendo o último caso fatal.
- 6- O mal cometido é visto como algo corriqueiro, banal, cotidiano.

Esses são apenas alguns casos de bullying que chamaram atenção da mídia e ganharam repercussão devido à gravidade dos acontecimentos. Diante desses casos e dos muitos outros que acontecem todos os dias nas escolas do Brasil e do mundo nos perguntamos o que está por trás das práticas de bullying? Por que o bullying acontece? E como podemos compreender esse tipo de violência escolar? Acreditamos que possivelmente as respostas para esses questionamentos possam estar relacionadas às dificuldades que os estudantes encontram em conviver e aceitar as diferenças e que provavelmente essa dificuldade pode resultar em relações intersubjetivas permeadas de agressões e caracterizadas pela banalização da maldade.

1.2

Por que reconhecimento da diferença, bullying e banalidade do mal?

Aqueles que são rotulados como diferentes e recebem adjetivos negativos podem ser vistos como inferiores, incapazes, submissos, fracassados, inadaptados... Na escola, também são considerados fracassados aqueles que não conseguem acompanhar o ensino, não possuem bom desempenho escolar, são hiperativos, apresentam configurações familiares distintas do padrão, entre outros. Enfim, a diferença parece ser fortemente considerada para justificar o fracasso escolar (FIDE, 2012), pois, encontra explicação na agenda de valores que a escola historicamente professou, donde valores como diferença ou pluralismo tiveram pouco ou nenhum espaço.

Forquin (1993) adverte para o caráter homogeneizador e monocultural da educação escolar e ressalta que quando a escola trabalha na perspectiva da universalização acaba provocando a submissão da diversidade. A escola está, nesta perspectiva, imersa no projeto moderno iniciado no século XVIII, que abordou a diversidade de duas formas: assimilando o que era diferente a padrões unitários ou desconsiderando a diferença a partir de categorias dominantes de

normalidade. Na mesma perspectiva, Candau (2008) argumenta que escola sempre teve dificuldades em lidar com a pluralidade e com a diferença, ou seja, homogeneizar e padronizar também sempre foram posturas empregadas pela educação brasileira. A autora defende que mesmo tendo consciência do caráter monocultural que a escola assume é preciso romper com essa prática, nem que para isso tenhamos que “reinventar a escola” e construir uma educação na qual a interculturalidade seja um princípio norteador.

Nesse sentido, acreditamos que estudar a diferença não é somente relevante, mas trata-se de uma tarefa urgente⁵. Afinal, segundo Andrade (2009), a diferença desafia a escola, desestrutura sua lógica homogeneizadora, rompe com currículos sedimentados, provoca novas discussões, traz novos dilemas para professores e estudantes, inaugura e/ou acentua conflitos e nos faz compreender que o papel da escola é zelar por uma educação capaz de combater todos os tipos de preconceitos e discriminações e contribuir para a inclusão social de todos, inclusive das culturas e identidades que foram historicamente discriminadas, o que Candau (2008) e Andrade (2009) defendem como educação intercultural.

Ao defender o reconhecimento das diferenças, a interculturalidade, vista como uma proposta teórica de compreensão da realidade multicultural em que vivemos, apresenta-se como um novo paradigma que vem contestando a crença liberal na igualdade como o único caminho viável à concretização de uma sociedade justa e democrática. Nesse sentido, estudar o bullying a partir do referencial intercultural/multicultural é relevante, pois significa olhar para aqueles que são violentados porque são diferentes, e que muitas vezes acabam interiorizando o reconhecimento negativo que receberam dos outros e criando uma visão inferior de si próprio. Encaminhamos esta pesquisa no entendimento do bullying como um tipo singular de violência escolar que deve ser compreendido para ser urgentemente trabalhado numa perspectiva intercultural. Negligenciar esse tipo de agressão e entender como algo normal da adolescência pode significar

⁵ No cotidiano escolar o não reconhecimento das diversas identidades e culturas resulta, na maioria dos casos em atos de discriminação, humilhação, agressão física e moral. Na maioria das vezes, o conjunto desses fatores é classificado como violência juvenil cometida por estudantes com idades entre 10 e 21 anos. São grupos onde o comportamento violento é percebido antes da puberdade e caracterizam-se por adotar atitudes cada vez mais agressivas, culminando em graves ações na adolescência e na persistência da violência na fase adulta.

ser conivente com o sofrimento de crianças e adolescentes que são alvos de um sistema educacional que ainda não está preparado para lidar com essa realidade.

O bullying não se restringe ao cotidiano escolar. Ele é sentido pelos estudantes que são alvos (vítimas), pelos que são autores (agressores), por aqueles que observam as práticas de violência (testemunhas), pelas famílias de todos os envolvidos e por toda comunidade escolar. Segundo Nogueira (2004), os estudantes que adotam um comportamento anti-social, buscando assumir uma liderança negativa sobre o grupo, apresentam, mais tardiamente, chances quatro vezes maiores de virem a adotar comportamentos de risco, atitudes delinquentes, violentas e criminosas. Na vida adulta, podem apresentar comportamentos violentos tanto no ambiente de trabalho quanto no familiar. Em contrapartida, aqueles que são vítimas do bullying, em consequência das agressões sistemáticas sofridas, podem apresentar depressão, ansiedade, baixa autoestima, isolamento, exclusão, perdas materiais etc. Quando jovens ou adultos, o mesmo quadro pode perdurar, além da dificuldade em impor-se profissionalmente e da insegurança em estabelecer uma relação afetiva duradoura.

As famílias dos estudantes que sofreram bullying ao perceberem o sofrimento de seus filhos, na maioria dos casos não o valorizam, exigem-lhes muitas vezes um comportamento que eles não são capazes de assumir ou adquirem um sentimento de inconformismo, buscando culpados na escola ou no próprio seio familiar. Às vezes, o bullying passa a ser um grande problema na vida dos pais, interferindo em suas atividades profissionais, nas relações entre os cônjuges e desses com seus filhos.

De acordo com Olweus (1978), os estudantes que testemunham o bullying podem sofrer com o medo, a dúvida sobre como agir e a descrença na capacidade e no interesse da escola em resolver o problema. O desempenho escolar pode cair, pois a atenção dos adolescentes passa a ser dirigida para as atitudes agressivas praticadas e sofridas por seus colegas. “Quando a escola não atua efetivamente para a redução do bullying entre seus estudantes acaba contaminada, tornando-se um ambiente inseguro, com altos índices de agressividade e a conseqüente perda do controle sobre o comportamento dos jovens” (NETO, 2007, p.58). O não-enfrentamento das situações, justificado pela suposta inexistência de bullying, demonstra falta de

conhecimento sobre o assunto ou revela uma intenção equivocada de encobrir o problema. O resultado é que a escola torna-se um ambiente difícil para aqueles que não aguentam mais ameaças, perseguições, ofensas e agressões.

Estudar o bullying, conhecer suas causas e seus efeitos, é também relevante para a sociedade, pois, segundo Organização Mundial da Saúde (OMS), o conhecimento pode contribuir para a redução da violência juvenil, por conseguinte pode colaborar com a redução da violência social.

De acordo com as pesquisas realizadas por Olweus (1978), os atos de bullying são muito mais abrangentes do que podemos imaginar. Não há escola sem bullying e não há estratégias capazes de extinguir totalmente esse tipo de comportamento entre os estudantes. No entanto, conhecer o problema, compreender suas raízes e suas consequências é um importante passo para que as escolas possam orientar estudantes e famílias sobre a gravidade desse tipo de violência escolar e, quem sabe, fazer da escola um lugar mais fácil de viver e conviver.

Nosso entendimento e aposta é que o bullying está relacionado às práticas de intolerância, que se iniciam pelo não reconhecimento da diferença, quando um estudante olha o outro com um sentimento de inferioridade e desprezo. Acreditamos que seja fundamental que o estudante agressor entenda que o outro tem direitos e deveres, como todos nós, mas tem também o direito de ser diferente de todos nós. E essa diferença deve ser reconhecida.

Contudo, não basta o conhecimento da existência do outro, que se realiza no âmbito das relações intersubjetivas e cotidianas nas quais eu sou o sujeito e o outro permanece como objeto. Além do conhecimento, é necessário compreender o outro, o que exige disposição para colocar-se em seu lugar e enriquecer-se com a percepção das relações que se estabelecem do ponto de vista do outro. Temos consciência que essa postura de alteridade é ainda um desafio para o espaço escolar, mas não vemos outro caminho viável que não passe pela insistência de uma postura tolerante que reconheça as diferenças.

1.3

Problema e questões de pesquisa

O cotidiano escolar é permeado de produção e resolução de conflitos. Quando os conflitos surgem, os estudantes são desafiados a demonstrar suas capacidades de resolver e se defender. Os estudantes que não demonstram essas habilidades, geralmente os mais tímidos e introspectivos, acabam se tornando vulneráveis para os sujeitos mais agressivos. Em alguns casos, o conflito é instaurado de maneira corriqueira, pois alguns estudantes com perfil mais agressivo desrespeitam e ofendem seus pares por motivos relacionados à aparência física (“gordos”, “orelhudos”, “magricelos”, “grandalhões”, “narigudos”); por motivos étnicos (“china”, “amarelo”, “asiático”, “negro”, “criolo”, “nequinho”, “tiziú”, “cigano”); por motivos fisiológicos (“fanho”, “gago”); por características comportamentais (“lerdo”, “sem noção”); por orientação sexual (“viadinho”, “sapatona”), por posição social (“favelado”, “suburbano”), entre outros.

A diferença, mesmo quando mínima, na maioria das vezes é recebida com crueldades. São xingamentos, apelidos, perseguições, ameaças, humilhações, atos de desrespeito, agressões físicas, verbais, virtuais e vários outros tipos de violência.

Não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (COSTANTINI, 2004, p. 69).

Para Fante (2011, p.62) as práticas de bullying começam sempre pelo mesmo motivo: a recusa em aceitar a diferença:

O bullying começa frequentemente pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas sempre notória e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais.

Nesse sentido, o principal problema dessa pesquisa consiste em compreender por que os adolescentes enfrentam tantas dificuldades em conviver

com as diferenças que nos constituem enquanto seres humanos. Para avançarmos nessa discussão uma questão central deverá nos orientar:

Quais as relações entre o bullying e a intolerância com o diferente? É possível entender o bullying como uma prática de não reconhecimento da diferença?

Nesta questão central, estão implícitas outras que merecem um aprofundamento para uma melhor análise do problema de pesquisa. Assim, as questões específicas que se desdobram da questão central são:

- 1- Como os estudantes compreendem o bullying e os sujeitos envolvidos (agressores, vítimas e expectadores)?
- 2- Que tipos de conflitos envolvendo preconceito e discriminação resultam em práticas de bullying?
- 3- Em que contexto surgem os conflitos qualificados como preconceitos e discriminações que podem ser relacionados à dificuldade em reconhecer e conviver com as diferenças?
- 4- Há relação entre o não reconhecimento da diferença e as práticas de bullying?
- 5- Há relação entre o conceito de “banalidade do mal”⁶ e o bullying?
- 6- Existem estratégias de prevenção e enfrentamento do bullying na escola? Quais seriam? Como são formuladas?

1.4

Objetivos

O objetivo geral dessa pesquisa é compreender os processos pelos quais o não reconhecimento da diferença resulta em casos de bullying entre adolescentes do ensino médio de uma escola da rede pública do Rio de Janeiro. Partimos do

⁶ A “banalidade do mal” é uma expressão utilizada por Hannah Arendt quando ela acompanha o “caso Eichmann”, o julgamento de um oficial nazista acusado e condenado por sua participação direta no holocausto. Arendt fez menção à banalidade do mal com o intuito de compreender a ausência de pensamento, de reflexão, que ela constata nos depoimentos de Eichmann quando foi interrogado sobre seus atos. Ao acompanhar de perto o julgamento do oficial nazista, Arendt compreendeu que a banalidade acontece quando o mal passa a ser visto como algo comum e natural. A “banalidade do mal” será tratada nesta tese como uma categoria analítica e será aprofundada no Capítulo 3.

pressuposto que há uma relação direta entre as dificuldades que os adolescentes possuem em reconhecer as diferenças e a recorrência de casos de bullying. Portanto, buscamos compreender o que torna a diferença tão indesejada ao ponto de resultar em atos de violência escolar que poderiam ser qualificados como bullying.

A partir das questões / inquietações apresentadas, os objetivos da pesquisa são:

- 1- Identificar junto aos jovens estudantes do ensino médio os processos sociais e escolares que reproduzem e/ou reforçam os preconceitos, as discriminações, as intolerâncias diante das diferenças que dignamente nos constituem como humanos.
- 2- Identificar dentro desses processos sociais e escolares situações que possam ser classificadas como práticas de bullying e investigar possíveis causas e consequências.
- 3- A partir dos casos encontrados e/ou relatados, analisar o que motiva os adolescentes a praticar o bullying, e em que medida esses motivos estão relacionados à dificuldade em reconhecer as diferenças. Na ausência de motivos justificáveis, investigar se o fato poderia ser caracterizado como exemplar e/ou relacionado a uma atitude de banalizar o mal praticado⁷. Indagar como a escola lida com os casos de bullying. Se existem programas de combate e como eles são desenvolvidos.
- 4- Contribuir com a indicação de propostas teóricas – fundamentadas no conceito de reconhecimento social e na prática do diálogo – capazes de responder ao desafio da escola em lidar com o bullying. Temos ciência da complexidade em cumprir esse objetivo, mas buscamos apontar caminhos teóricos que nos ajude a pensar uma proposta de educação voltada para diferença.

1.5

Hipóteses e apostas

Como explicitado anteriormente, acreditamos que os casos de bullying estão relacionados à dificuldade de reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos. Diante desse pressuposto compreendemos o bullying como um tipo de violência escolar que apresenta algumas singularidades, tais como: (a) ações repetitivas contra as mesmas vítimas; (b) período prolongado de tempo; (c) desequilíbrio de poder entre os agressores e as vítimas; (d) dificuldade das vítimas

⁷ Nesta tese a expressão “banalidade do mal” poderá ser substituída por *banalização do mal*; *mal banalizado*; *banalização da maldade* e *banalizar o mal*. Essas adaptações serão feitas todas as vezes que a expressão arendtiana “banalidade do mal” for aplicada a situações empíricas, onde o mal praticado for visto como algo comum, natural e corriqueiro.

em se defender; (e) ausência de motivos racionáveis que justifiquem as agressões; (f) os atos de violência ocorrem entre pares. A partir dessa definição para o problema construímos três hipóteses interdependentes:

- 1- O bullying é um tipo de violência escolar que apresenta algumas singularidades, tais como: (a) ações repetitivas contra as mesmas vítimas; (b) período prolongado de tempo; (c) desequilíbrio de poder entre os agressores e as vítimas; (d) dificuldade das vítimas em se defender; (e) ausência de motivos racionáveis que justifiquem as agressões; (f) os atos de violência ocorrem entre pares.
- 2- Uma das motivações mais recorrentes para o bullying é o não reconhecimento da diferença (preconceitos, discriminações e intolerâncias).
- 3- O bullying como não reconhecimento da diferença, como um ato violento sem justificativas racionáveis e razoáveis, pode ser compreendido e/ou aproximado do conceito de “banalidade do mal” proposto por Hannah Arendt.

Hannah Arendt nos motiva nesta hipótese ao buscar entender se existe alguma relação entre a incapacidade de pensar – o fato de não estar atento aos acontecimentos, às coisas e aos significados do mundo – e a prática do mal (SOUKI, 1998). Em *A vida do Espírito*, Arendt (1996, p.6) faz a seguinte indagação:

Seria possível que a atividade do pensamento como tal – o hábito de examinar o que quer que aconteça ou chame a atenção independente de resultados e conteúdo específico – estivesse dentre as condições que levam os homens a se abster de fazer o mal, ou mesmo que ela realmente os “condicione” contra ele?

Nesta hipótese, se o pensamento é uma das condições capaz de impedir o mal, uma educação moral voltada para o pensamento e para reflexão poderia contribuir para redução dos casos de bullying, uma vez que, para Arendt (1996), o pensamento não é passividade, mas a pura atividade humana; não é a inação, mas o máximo da ação. O pensamento não é uma atividade de outro mundo, mas deste mundo. Não é fuga e nem abandono, mas um distanciamento que possibilita reaproximar-se do objeto pensado com um olhar totalmente revigorado (ANDRADE, 2010, p. 123).

Diante da possível banalidade do mal que caracterizaria o bullying, educar para o pensamento e para a reflexão significaria cultivar em nós e em nossas

relações educativas atitudes que possibilitem o diálogo interno como uma atividade inerente à vida humana.

Quando estou pensando não me encontro onde realmente estou; estou cercada não por objetos sensíveis, mas por imagens invisíveis para os outros. É como se eu tivesse me retirado para uma terra dos invisíveis, da qual nada poderia saber, não fosse esta faculdade que tenho de lembrar e imaginar. O pensamento anula distâncias temporais e espaciais. Posso antecipar o futuro, pensá-lo como se já fosse presente, e lembrar do passado como se ele não tivesse desaparecido (ARENDDT, 1996, p.67)

O pensamento interrompe todas as nossas atividades, deixa-nos inseguros quando percebemos que duvidamos de coisas que antes nos davam uma segurança irrefletida. Educar na perspectiva do pensamento arendtiano é provocar essa descontinuidade, uma ruptura com o mundo cotidiano para reconciliar-se com ele num novo significado (ANDRADE, 2010 p.127). Essa ruptura é fundamental para que o mal banalizado não se consolide e não se transforme em práticas de bullying.

1.6

Metodologia e procedimentos de pesquisa

A investigação a que nos propomos se dará na articulação entre estudos de diferentes campos (educação e filosofia). Por esse motivo optamos por um referencial teórico que contemple essa articulação. Dessa forma, buscamos dialogar com os estudos de Dan Olweus (1978) sobre o bullying enquanto um tipo específico de violência escolar, e procuramos compreender os casos de bullying a partir das contribuições da filosofia do reconhecimento de Charles Taylor (2001) e Axel Honneth (2003). Com esse primeiro referencial defendemos que a problemática do bullying pode estar relacionada à dificuldade que os estudantes apresentam em conviver com as diferenças. Essa dificuldade talvez seja mais acentuada no espaço escolar, pois é na escola que esses jovens compartilham múltiplas experiências e constituem parte de suas identidades a partir das relações intersubjetivas que resultam dessas experiências.

Contudo, mesmo supondo que o bullying seja motivado pela dificuldade em reconhecer as diferenças essa explicação nos parece ainda insuficiente quando nos deparamos com a singularidade e gravidade dos casos de bullying. Isso nos

leva a pensar que a violência empregada nas práticas de bullying pode ser resultado de um processo socialmente mais amplo, aproximando-se daquilo que Hannah Arendt conceituou como “banalidade do mal”. Nessa perspectiva os estudos de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal e a importância do pensamento podem nos ajudar a compreender a prática do bullying.

Deste modo, para trabalhar o problema de pesquisa bem como tentar responder aos questionamentos e aos objetivos apresentados, optamos por três procedimentos metodológicos⁸.

1.6.1

Revisão de bibliografia

Nesta etapa de pesquisa, fizemos a leitura de diferentes trabalhos. Elaboramos fichamentos e resenhas das obras dos autores que compõem o referencial apresentado e recorreremos, quando foi necessário, ao auxílio de comentaristas especializados. As leituras foram realizadas em quatro blocos:

- 1- dissertações, teses, livros e artigos sobre o bullying;
- 2- artigos e livros sobre o conceito de reconhecimento da diferença, com foco nas obras de Charles Taylor (2001) e Axel Honneth (2003);
- 3- as obras de Hannah Arendt (1987; 1989; 1996; 1999 e 2000), especialmente aquelas que tratam do conceito de banalidade do mal;
- 4- leituras de autores que escrevem sobre os conceitos de preconceito, discriminação, estereótipo e intolerância. Esse último bloco de leituras foi fundamental para compreender as possíveis motivações e consequências do bullying.

⁸ Os três procedimentos metodológicos utilizados são brevemente apresentados nessa introdução e aprofundados/detalhados no capítulo 4.

1.6.2

Observação do cotidiano escolar

A observação ocorreu no Colégio Guarani⁹, uma escola estadual de grande porte localizada na zona sul do Rio de Janeiro. Apesar de sua localização, a escola atende estudantes oriundos das classes populares, sendo a maioria dos estudantes moradores das favelas da Rocinha e do Vidigal.

A opção pelo ensino médio justifica-se pela carência de pesquisas sobre casos de bullying entre os adolescentes, já que a maioria das pesquisas disponibilizadas no banco de dados da Capes e na página do Domínio Público estão concentradas no ensino fundamental, momento em que a identidade está ainda sendo construída e onde os conflitos parecem ser mais latentes. Contudo, acreditamos que é no ensino médio que os estudantes apresentam maior capacidade de entendimento e reflexão sobre suas escolhas e suas ações. Por isso, para uma proposta de pesquisa que aposta no reconhecimento da diferença e no pensamento, cremos ser mais adequado trabalhar com adolescentes.

A observação do cotidiano escolar dos jovens e adolescentes teve como objetivo um levantamento, o mais detalhado possível, dos conflitos que poderiam ser identificados como casos de bullying, e de demais conflitos motivados pela dificuldade em conviver com a diferença no ambiente escolar. As possíveis soluções propostas pelos docentes e discentes também foram analisadas, assim como o tratamento dado pela direção às situações de conflito observadas e relatadas.

Optamos pela observação com a finalidade de propiciar uma relação de aproximação com a comunidade escolar, sendo esse primeiro contato guiado pelos pressupostos teóricos formulados na primeira etapa, ou seja, de revisão bibliográfica. “A observação é a primeira forma de aproximação do indivíduo com o mundo em que vive. Pelo olhar entramos no mundo, começamos a nos comunicar com ele e iniciamos o conhecimento a respeito dos seres que nele habitam” (ZAGO, 2003 p. 24).

⁹ Nome fictício.

A partir dos dados colhidos na observação, construímos categorias que foram utilizadas na formulação de um questionário. Este, por sua vez, funcionou exclusivamente como um indicador de dados recorrentes e relevantes a serem inseridos no roteiro de entrevistas.

1.6.3

Questionário

Segundo Parasuraman (1991), um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Embora o autor afirme que nem todos os projetos de pesquisa utilizam essa forma de instrumento de coleta de dados, o questionário pode ser muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências humanas e sociais, pois permite ao pesquisador trabalhar com uma população ampla a partir de amostras e inferências.

Nessa proposta de pesquisa, o questionário foi utilizado como um instrumento de investigação e recolhimento de informações, já considerando a observação do cotidiano escolar, mas precedendo as entrevistas. Esse procedimento de pesquisa nos possibilitou interrogar 147 estudantes, num espaço de tempo relativamente curto, duas semanas. Após a elaboração e aplicação dos questionários os dados levantados foram analisados e as conclusões prévias foram utilizadas para elaboração de algumas questões presentes no roteiro das entrevistas¹⁰.

Os dados levantados pelo questionário foram analisados através de uma abordagem quantitativa com o auxílio do programa SPSS. Os dados foram codificados e computados, as questões foram cruzadas obedecendo a critérios qualitativos relacionados aos índices de agressividade na escola e a percepção que os estudantes têm da violência escolar. Após elaboração da base de dados, cruzamos várias perguntas, sempre buscando inserir duas variáveis, o sexo/gênero e a série do estudante, pois nosso objetivo foi conhecer as possíveis diferenças que meninos e meninas estabelecem com a violência escolar e em que momento do ensino médio essa violência é mais acentuada. A partir do cruzamento das

¹⁰ A análise detalhada dos dados levantados pelos questionários está no Capítulo 3 e uma cópia do questionário encontra-se disponível nos Anexos.

perguntas configuramos o SPSS para demonstrar os dados em tabela e gráficos de frequência e inferências probabilísticas.

1.6.4

Entrevistas

A entrevista é um procedimento de pesquisa definida por Haguette (1997, p. 76) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema é a metodologia mais utilizada no processo de trabalho de campo em ciências humanas e sociais, principalmente no campo educacional.

Na pesquisa qualitativa, a entrevista é um instrumento metodológico amplamente utilizado nas pesquisas em ciências humanas e sociais, e o modo como elaboramos a entrevista depende da perspectiva teórica adotada, dos objetivos da pesquisa e do tipo de investigação que está sendo proposta. A entrevista tem uma natureza interpessoal que permite ao entrevistador explorar o máximo de informações através da colaboração dos entrevistados. Pode, ainda, colher informações que não seriam obtidas por nenhum outro procedimento metodológico (ZAGO, 2003 p.41). Nessa mesma linha de pensamento, Bourdieu (1989) ressalta que a entrevista pode ser vista como um momento de intrusão que se estabelece no sentido da troca. Interpretando Bourdieu, Martins (2013) enfatiza que, ao se entrevistar uma pessoa para que não se estabeleça uma “comunicação violenta”, é prudente estar atento ao que se deve ou não ser dito, pensando-se sempre no sentido de cada questão que se faz ao entrevistado e da própria situação de pesquisa em geral, das finalidades da pesquisa e as razões que levam um participante a aceitar ser entrevistado.

Nessa pesquisa, a entrevista foi o principal instrumento metodológico e foi realizada de modo compreensivo, o que significa que não houve uma estrutura rígida e hierarquizada de perguntas. As questões foram alteradas e até mesmo construídas conforme o direcionamento que a investigação foi trilhando. A entrevista compreensiva tem a vantagem de inverter a fase de construção do objeto, pois a pesquisa de campo não tem mais a função de verificação da

problemática formulada inicialmente, mas constitui-se no ponto de partida de reconstrução dessa problemática.

O roteiro inicial sofreu algumas alterações que foram necessárias para garantir as melhores condições de aproximação com os entrevistados visando o melhor tipo de interação. “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p. 34).

Após os encontros iniciais, o roteiro foi elaborado a partir das descobertas realizadas com os dados obtidos na observação e no questionário. Teve como objetivo central explicitar as concepções que professores e estudantes possuem acerca do bullying. Para dar conta dessa investigação trabalhamos com aproximadamente 18 entrevistas, sendo 10 estudantes, 08 professores.

A partir do levantamento bibliográfico, das observações, dos dados revelados pelo questionário e pelas entrevistas acreditamos que foi possível alcançar parte dos objetivos propostos. Dessa forma, visando uma melhor compreensão da problemática estruturamos a pesquisa em sete capítulos encadeados, apresentados no seguinte formato:

- 1- **Introdução.** Apresentamos os motivos que proporcionaram o interesse em estudar a violência escolar, em específico o bullying entre adolescentes. Discutimos a relevância do tema para o campo da educação e apontamos alguns casos atuais de bullying em escolas paulistas e cariocas com o intuito de justificar a urgência em debater academicamente essa temática. Após essas considerações apresentamos o problema da pesquisa, ou seja, a relação entre o não reconhecimento das diferenças entre os adolescentes, o aumento e a gravidade dos casos de bullying. Os objetivos, as hipóteses da pesquisa e os procedimentos metodológicos empregados finalizam essa breve apresentação.
- 2- **Compreendendo o bullying.** Esse capítulo teve a finalidade de introduzir o leitor na problemática do bullying. Primeiramente apresentamos as principais discussões relacionadas à temática do bullying. Em seguida,

trouxemos a história do conceito, os primeiros pesquisadores e as primeiras pesquisas. Num segundo momento, analisamos as pesquisas atuais feitas por institutos de excelência, como o IBGE e o IPEA e os trabalhos acadêmicos defendidos a partir de 2002. O capítulo traz ainda algumas considerações a respeito do bullying como uma violência escolar. Essas considerações foram feitas com base na revisão de literatura e análise das pesquisas citadas.

- 3- **Reconhecimento da diferença e banalidade do mal.** Nesse capítulo apresentamos o referencial teórico que fundamenta a pesquisa e buscamos relacionar o conceito de bullying à filosofia do reconhecimento de Charles Taylor e Axel Honneth. Num segundo momento, apostamos que o bullying possa ser semelhante ou aproximado do conceito de banalidade do mal, discutido por Hannah Arendt. Finalizamos o capítulo buscando compreender as possíveis relações entre o não reconhecimento da diferença e a banalidade do mal tendo como objeto de análise os casos de bullying.
- 4- **O Colégio Guarani: um espaço marcado pela pluralidade cultural.** Esse capítulo foi dividido em duas partes. Na primeira parte fizemos a descrição do campo de pesquisa. Essas informações foram coletadas através da observação que durou cerca de três meses. Na segunda parte apresentamos todo o processo de aplicação dos 147 questionários, assim como a análise das perguntas e a demonstração dos dados em tabelas e gráficos. Alguns questionamentos e conclusões parciais também foram apresentados. Os dados analisados nesse capítulo nos permitiram considerar o Colégio Guarani como um espaço marcado pela pluralidade cultural. Esses dados foram ainda fundamentais para decidirmos quais seriam os temas mais importantes das entrevistas.
- 5- **Exemplaridade e reconhecimento: o que dizem os professores?** Esse capítulo foi escrito a partir dos dados coletados nas entrevistas feitas com os professores. A partir da análise dessas entrevistas construímos um perfil dos docentes entrevistados e conseguimos nos aproximar mais de suas percepções sobre o bullying. Foi nesse momento de interpretação dos

relatos de professores que procuramos confirmar as hipóteses dessa pesquisa e compreender o bullying a partir do não reconhecimento da diferença e da banalidade do mal.

- 6- **Agressores, vítimas e testemunhas: o depoimento dos pares.** Nesse capítulo buscamos seguir os mesmos direcionamentos metodológicos do capítulo anterior. Interpretamos as entrevistas feitas com os estudantes e buscamos aproximar as percepções assinaladas pelos estudantes com o não reconhecimento da diferença e a banalidade do mal.
- 7- **Considerações Finais: como educar para a diferença?** Fechamos a tese refazendo todo percurso percorrido. Relembramos as motivações para a pesquisa, as dificuldades, os objetivos, hipóteses e a metodologia utilizada. Buscamos descrever o aprendizado adquirido e as questões não respondidas, ou seja, aspectos da pesquisas que não foram totalmente compreendidos e que ainda estão em aberto. Apresentamos os achados da pesquisa e a partir destes os caminhos possíveis para problemática do bullying enquanto um tipo de violência que desafia a escola.